



*Alma e Corpo em Agora e
Na Hora Da Nossa Morte*
de José Agostinho
Baptista

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta

Será ousadia minha introduzir neste colóquio o texto poético. Mas não é tanto assim, pois, fui desafiado para participar pelos organizadores, justamente, para falar sobre poesia. Propuseram-me um autor do século XIX. Declinei a proposta e preferi debruçar-me sobre um poeta nosso contemporâneo, vivo.

Por conseguinte, a introdução da poesia neste colóquio não é apenas responsabilidade minha. Mas aquilo que é da minha responsabilidade merece alguma explicação. Ninguém fala da poesia de que não gosta. E se falar de poesia revela, portanto, o gosto de quem fala, a revelação aqui fica.

Todavia, não posso deixar de referir o imperativo temático deste colóquio. Em vez de limitar o 'meu falar de poesia', ao contrário, a temática do colóquio oferecia-me uma oportunidade de fala, livre e apaixonada.

Mas, o poema não se escreve em função de colóquios deste tipo. A leitura deveria seguir-lhe os passos. Sendo assim, situo-me aqui entre dois imperativos: entre a leitura do poema e entre a temática do colóquio. Não pretendo que o segundo imperativo subjugue o primeiro, evidentemente. Tanto mais que, à sua maneira, a temática do colóquio está próxima de alguns temas constantes da poesia, ou, se preferirem, do lirismo. Mas isso não impede que se pergunte pela novidade, pelo contributo específico que a poesia traz a este colóquio.

Sem prejuízo daquilo que a leitura do poema poderá dizer-nos, permitam-me que refira agora dois aspectos, de utilidade para o debate, já aqui iniciado. A poesia é, sem dúvida, o espaço mais impulsionador, reflexivo e inovador do Humanismo, tal qual o conhecemos e tal qual queremos que ele seja nos nossos dias. E se, hoje, o Humanismo conduz o combate contra a "automatização em curso da espécie humana", lembrando a proposta dos '10 Princípios para o Humanismo do Século XXI'



Alma e Corpo em *Agora e Na Hora Da Nossa Morte*
de José Agostinho
Baptista

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta

de Julia Kristeva¹, a poesia aí está, sempre, e, por vezes, lançando ao vento o seu grito de resistência. Ela ilustra aquele "infinito das capacidades de representação" que Kristeva atribui ao Homem, "nosso habitat... nossa liberdade" (*Id.*).

A poesia é o reino do íntimo – e é esse o segundo aspecto que proponho para o nosso debate. Numa sociedade *matrixcisada*, a poesia é um anacronismo. O desperdício que a imagem provoca nos nossos sentidos é recuperado pelo poema, se quisermos lê-lo e ouvi-lo. O romance transforma-se em filme no cinema, o poema não. Porque a poesia participa daquilo a que um escritor francês contemporâneo nomeia como 'infilmmable' (Philippe Sollers) - "tout ce qui relève de l'intime"².



O título da obra - *Agora e na hora da nossa morte* - de José Agostinho Baptista remete o leitor para dois momentos da vida que se actualizam no acto da

¹ *L'Infini*, nº 122, Gallimard, Printemps 2013.

² *L'Infini*, nº 123, Gallimard, Été 2013.



*Alma e Corpo em Agora e
Na Hora Da Nossa Morte*
de José Agostinho
Baptista

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta

leitura pelo efeito da força deíctica nele presente. O tempo presente é o tempo do acto da leitura e o tempo futuro é aquele que a todos persegue, indeterminado mas certo. A força deíctica do título (agora, hora, nossa) predomina sobre o valor semântico do termo não-deíctico por excelência também nele presente (morte), convidando-nos para nos fixarmos de preferência nos momentos que acabei de enunciar. Mas a cor de luto da capa da obra, bem como a dedicatória que abre o livro – 'Ao meu pai. Em sua Memória.' – necessitam também de alguma explicação. Não existem acasos nestas questões de paratexto. Compreender-se-ia facilmente que a cor se ligasse sobretudo ao momento futuro ou ao valor semântico do termo não deíctico do título. Porém, a cor do luto abrange quer o 'agora', quer a 'hora', apontando assim para uma estratégia de leitura que a dedicatória vem confirmar: o 'agora' é o momento pós-morte do pai, momento de dor e de luto.

Mas todos percebemos logo no primeiro contacto com a obra que as palavras do título 'copiam' a oração que rezamos – 'Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Ámen.' A cada palavra e/ou conjunto de expressões retiradas da oração corresponde, na colectânea, um poema. 'Agora' é o título do poema de abertura, 'Ámen', encerra a colectânea, figurando antes dele os poemas que se intitulam 'E na hora' e 'Da nossa morte'. Isto é, as palavras do título transformam-se em matéria do conjunto dos poemas, à qual foi acrescentada mais uma, ausente no título, mas presente na oração (Ámen). No entanto, na obra, não constam apenas quatro poemas. Mesmo quem não conheça a obra e esteja a ouvir-me, compreendeu já que os restantes poemas da colectânea se situam entre o primeiro e os três últimos, isto é, entre aqueles momentos que há pouco identificámos como 'primeiro' e 'segundo'. Podemos assim concluir que o momento do 'agora' é o momento privilegiado desta colectânea de José Agostinho Baptista. É aí que se concentra a quase totalidade dos poemas desta obra.



Alma e Corpo em *Agora e Na Hora Da Nossa Morte*
de José Agostinho
Baptista

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta

A 'minha leitura' dará conta dos poemas deste momento, pois foi aí que encontrei a 'alma' e o 'corpo', profusamente designados. Antes disso, revelando o meu trajecto de leitura dos poemas, direi que segui aquele princípio que colhi no poeta Ruy Belo: "De olhos postos no futuro, o poeta moderno escreve com toda a poesia anterior, com toda a poesia e a arte anteriores e contemporâneas por trás". Entendi que o princípio também poderia aplicar-se ao leitor. Não recuei até ao tempo de Adão e Eva... A responsabilidade do recuo é minha, evidentemente. Recuei até ao século XVI, concentrando-me na 'poesia mística' da nossa vizinha Espanha, em particular, na escrita da Santa Teresa de Ávila. Compreender é também comparar. Disso darei conta a seu tempo. "em cada senda de atormentadas almas"



Sta. Teresa de Ávila

No poema que apresento em primeiro lugar, intitulado 'Caminho', encontramos uma alma 'viajante'. Mas não sabemos para onde se dirige, nem de onde vem. Vemo-la acompanhada de uma candeia que lhe 'alumia o caminho', que o sujeito da enunciação acende, e percebemos que o estremecer da chama da candeia



*Alma e Corpo em Agora e
Na Hora Da Nossa Morte*
de José Agostinho
Baptista

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta

indica um desejo de comunicação que não se realiza. E, já nos últimos versos do poema, mantendo-se o contexto de um possível encontro, é, no entanto, uma alma enquanto 'ausência' aquilo que se retém.

Caminho

*Na janela aberta,
na longa noite que hoje começa,
acendi a candeia que alumia o caminho da
tua alma.
Às vezes, a chama estremece
e é como se quisesse falar no interior da
luz.
Mas nada se houve.
Em silêncio,
cresce a espiral que apertava o pulso,
as suas ramagens azuis.
Por isso, em inesperada trégua,
roubei ao sol os altos frutos incandescentes
que guardei aqui,
entre arestas de granito e metais sem brilho.
Mas não perdurou o gosto nem o som.
Nada se houve.
E na candeia acesa,
na janela aberta,
viaja a tua ausência, a tua alma sobre os
meus escombros.*



*Alma e Corpo em Agora e
Na Hora Da Nossa Morte*
de José Agostinho
Baptista

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta

Neste e na maior parte deste conjunto de poemas encontramos uma voz que se dirige a um 'tu' não identificado, que, todavia, concede, à alma uma identidade; a 'tua alma', a 'nossa alma', a 'sua alma' distribuem pelo conjunto dos poemas em que surgem uma identidade de pertença, sem outro atributo ou, por vezes, acompanhada de um atributo disfórico:

*Ninguém conserva, na sua alma desolada,
uma ideia de jasmims,*
(Poema 'Escrita')

*Levanta-te e deixa-me entrar,
diria se pudesse,
junto a esta cama onde a dor te contempla,
sob este tecto frio que não inventa qualquer
paisagem,
qualquer lembrança de barcos ancorados no
vazio da nossa alma (...).*
(Poema 'Urgência')

Partilhando de idêntica disforia, outros poemas existem sem identificação de pertença, como acontece no poema que se intitula 'Reverso' ('atormetadas almas') e no poema seguinte.

Viajante
*Acontece ao acaso, algures,
esse bater de remos que impele para o
mais inacessível porto*



*Alma e Corpo em Agora e
Na Hora Da Nossa Morte*
de José Agostinho
Baptista

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta

*todo aquele que por obscuro destino se
fez órfão e viajante.
E o que viu,
a luminosa cidade, o naufrago ou o
mastro quebrado,
não traz à sua agonia a claridade dessas
águas onde os remos batiam eternamente,
nada que possa na alma erguer uma
pirâmide de algas e arco-íris,
quando tudo se parece a esta mortalha que
o vento estende.*

"um corpo que jaz no abandono das praias"

O 'corpo' existe por si nestes poemas, mas as suas partes ajudam também a configurar um estado do corpo. Um 'peito destruído', uma 'boca sem voz', 'cabelos embranquecem', o 'ruído dos pulmões', 'cabeça vencida', 'olhos aflitos', 'fronte macerada', 'chagas reabertas', 'aflito coração', 'rostos marcados', 'as pálpebras descidas', 'os lábios unidos', as 'mãos frias' – são expressões que não podem ser excluídas daquela configuração, como se não bastasse só por si um corpo que é descrito como 'arruinado', 'trespassado', 'estilhaçado' ou 'a cair'.

Neste 'agora' – para lembrar o início da minha intervenção - o corpo e a alma não possuem qualquer tipo de relacionamento e não é o estado do corpo o que motiva a sua libertação ou o que desse estado deve ser tido em conta para a salvação da alma. Apesar de ser evidente nestes poemas um registo que conduz o leitor à poesia mística de S. João da Cruz e de Santa Teresa de Ávila, que as referências às figuras de Deus, dos anjos, do céu e da cruz acentuam, não encontramos nele a



Alma e Corpo em *Agora e Na Hora Da Nossa Morte*
de José Agostinho
Baptista

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta

'verdadeira vida', pela qual anseiam os poetas místicos. Ao 'fugitivo', mesmo depois de levantar o rosto para "os palácios de Deus", ninguém disse:

estes são os caminhos que vão para além;

o deserto está no fim.

(Poema 'Fuga')

Já Santa Teresa identifica com clareza o caminho – apenas um – o que conduz ao Céu, morada do encontro permanente da alma com Deus:

La vida terrena

es continuo duelo;

vida verdadera

la hay sólo en el cielo.

Permite, Dios mío,

que viva yo allí.

Ansiosa de verte,

deseo morir.

(Poema 'Ayes del destierro')

A 'Oração' de José Agostinho Baptista (título de um do conjunto destes poemas) não deseja a morte do corpo, personificada no 'corvo' que 'pousa e volta sempre'; contrariamente aos nossos poetas místicos, aqui a prece configura-se como hino à vida, livre dos sinais de 'pranto' ou 'maldição'. Compreende-se, uma vez mais, se isso fosse preciso, que o 'corpo destroçado' nestes poemas se desvia da concepção do 'corpo martirizado' enquanto instrumento da fé que tem em vista, para citar o autor da 'Carta aos Hebreus', "a conservação da alma".

Oração



*Alma e Corpo em Agora e
Na Hora Da Nossa Morte*
de José Agostinho
Baptista

Carlos Castilho Pais
Universidade Aberta

***Senhora nossa,
Senhora deste reino e deste assombro,
guardai
no vosso regaço de luminosas rosas
aquele
cuja fé e cujo alento a vida destroçou.***

***Livrai-nos, Senhora nossa,
da hiena e do tigre e das nêspas que
trazem a morte aos quintais,
debaixo da janela onde o corvo pousa e
volta sempre,
como um sinal de pranto ou uma maldição.***

~

Nota: Tendo sido pensado e escrito para uma comunicação oral, este texto conserva as marcas da oralidade iniciais.

Referências bibliográficas

ÁVILA, Santa Teresa de. *Seta de fogo*. Trad. de José Bento, Assírio & Alvim, Lisboa, 1989;

BAPTISTA, José Agostinho. *Agora e na hora da nossa morte*. Assírio & Alvim, Lisboa, 1998.